Fazer leitores na era digital: o contributo da biblioteca escolar

Raquel Ramos

8

bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares

leitura e literacias

8

bibliotecarbe
Rede Bibliotecas Escolares

Fazer leitores na era digital: o contributo da biblioteca escolar

Editor Rede de Bibliotecas Escolares

Avenida 24 de Julho, 140 - 2.ºpiso
1399-025 Lisboa
http://www.rbe.mec.pt
rbe@rbe.mec.pt

Design gráfico Rede Bibliotecas Escolares

março de 2015

Ramos, Raquel
Fazer leitores na era digital: o contributo da biblioteca escolar
(Bliblioteca RBE)
ISBN 978-972-96059-9-4

CDU 027.8
028.6

Resumo 1
O valor inestimável da leitura na Sociedade do Conhecimento 2
A biblioteca escolar e a gestão estratégica da mudança 3
A promoção da leitura recreativa como domínio de intervenção da biblioteca escolar 5
O texto e o leitor do século XXI: novas implicações pedagógicas 7
O perfil do professor bibliotecário enquanto mediador 10
Liderança/ visão estratégica 10
Recursos 10
Iniciativas/ estratégias 11
Conhecimento dos alunos 12
Tempo dedicado à leitura 13
Conhecimento/ domínio das novas tecnologias 13
A utilização das novas tecnologias ao serviço da promoção da leitura recreativa 14
Blogues 16
Wikis 16
Serviços de criação de sítios *Web* 17
Serviços de criação e partilha de documentos 17
Microblogging 17
Ferramentas para criar livros digitais 17
Ferramentas para construir e partilhar filmes 18
Ferramentas para produzir e partilhar *podcasts* 18
Os marcadores sociais 19
As redes sociais 19
Fóruns de discussão e plataformas LMS 20
Referências bibliográficas 22

Fazer leitores na era digital: o contributo da biblioteca escolar

Raquel Ramos

> Resumo

Que se lee? Como se lee? Actualmente,
el leer ya no significa lo mismo que hace unos ãnos.
Lozano, 2009

A promoção da leitura, em especial da leitura recreativa, continua a ser uma prioridade entre os agentes governamentais e culturais dos países mais desenvolvidos do mundo e de organizações internacionais como a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE). De facto, estudos diversos demonstram que a prática da leitura pela leitura contribui, incontestavelmente, para o aumento da literacia dos cidadãos de um país e, por conseguinte, para a formação de seres humanos mais capazes de responder aos desafios pessoais e profissionais com que se deparam na sociedade deste século, marcada por uma mudança constante.

Fazer leitores, capazes de compreenderem o que leem, de interagirem e de se posicionarem de forma crítica perante o mundo em que vivem, implica, porém, estar consciente de que a promoção da leitura (no âmbito deste artigo, a leitura recreativa) deve enquadrar-se num certo contexto temporal e cultural que determina o tipo de leitor que é necessário cativar. Perante um novo paradigma, em que passámos de uma cultura alfabética, textual e impressa para uma cultura em que o texto passou a ser encarado como uma unidade de comunicação com diferentes formas de expressão, parece-nos, pois, imprudente restringir a promoção da leitura recreativa ao suporte impresso ou apenas ao formato literatura, assim como não podemos ignorar o poder que as tecnologias exercem sobre o atual leitor, um nativo digital.

Efetivamente, vivemos hoje um momento híbrido em que a leitura tradicional de um texto literário ou de outro material impresso convive com a leitura em suportes e formatos diferentes e, portanto, "Este cambio de paradigma debe provocar cambios en la forma de programar las actividades de fomento de la lectura" (Lozano, 2009:91). A biblioteca escolar, como eixo de inovação pedagógica nas instituições educativas, capaz de contribuir para a formação de leitores hábeis, cosmopolitas e curiosos, não pode alhear-se desta realidade.

De entre o leque variado de iniciativas que são desenvolvidas no âmbito da literacia e da leitura, a leitura recreativa ocupa, na biblioteca escolar, um lugar de destaque. É, por isso, importante que o professor bibliotecário partilhe com as estruturas pedagógicas da escola uma visão estratégica que inclua, na missão de fazer leitores, novas abordagens. Ignorar as mudanças que entretanto ocorreram – e que se refletem no perfil do potencial leitor, na tipologia de textos que se oferecem para leitura, bem como na forma como se lhes pode aceder – pode comprometer essa missão.

> O valor inestimável da leitura na Sociedade do Conhecimento

Reading is a window to the world.
ASSL, 2009

Na atual Sociedade do Conhecimento, caracterizada por uma mudança constante, fruto de uma revolução tecnológica sem precedentes que veio mudar a forma como vivemos, trabalhamos, estudamos e nos divertimos, a promoção da leitura continua a ser vista como um investimento no capital humano, já que as práticas de literacia surgem, em vários estudos realizados, associadas ao conceito de crescimento económico e desenvolvimento social equilibrado.

Esta constatação é confirmada pelo estudo *A Dimensão Económica da Literacia em Portugal: Uma Análise* (2009:10), integrado nos estudos encomendados pelo Plano Nacional de Leitura, que deixa claro que "os ambientes pobres em literacia influenciam de forma adversa o desempenho das instituições sociais e económicas, designadamente as escolas, as organizações da comunidade e as empresas", inibindo "o crescimento económico a longo prazo". A leitura, assumida como uma competência transversal, imprescindível para o domínio das diversas literacias que o século XXI impõe aos cidadãos (literacia da leitura, literacia da informação, literacia digital, literacia visual, literacia tecnológica), integra, portanto, a agenda de vários governos nacionais e internacionais e representa uma prioridade de organizações como a OCDE.

Em Portugal, a preocupação de aumentar os níveis de literacia dos portugueses verificou-se de forma mais consolidada nas últimas três décadas, através de iniciativas como o Programa Nacional de Promoção da Leitura (PNPL), lançado em 1997, e o Plano Nacional de Leitura (PNL), iniciado uma década depois. "A criação e o desenvolvimento do prazer de ler e a aquisição de hábitos de leitura" (Veiga *et al.*, 1997:7) representam também uma prioridade de ação das bibliotecas, em especial das bibliotecas escolares, espelhada de forma clara no programa Rede de Bibliotecas Escolares, iniciado em 1996.

A importância atribuída à leitura é tão significativa que a promoção da leitura surge, de acordo com a Associação Americana de Professores Bibliotecários (AASL), em primeiro lugar, numa lista de nove pressupostos que sustentam o trabalho a realizar nas escolas para que os alunos sejam capazes de desenvolver as capacidades consideradas essenciais no século XXI. "A leitura é uma janela para o mundo" (AASL, 2009:12), uma competência fundamental para a aprendizagem, o crescimento pessoal e uma fonte de prazer. Ler e compreender a informação em todos os formatos (impresso, vídeo ou imagem) e em todos os contextos é um indicador de sucesso na escola e ao longo da vida, uma competência transversal que conduz a novas aprendizagens, ou seja, ao domínio de outras literacias.

> A biblioteca escolar e a gestão estratégica da mudança

A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia
a longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação
e desenvolvimento económico, social e cultural.
IFLA. Manifesto da Biblioteca Escolar, 1999

Nesta sociedade, marcada pela mudança a que a revolução tecnológica conduziu, a biblioteca escolar é apontada pela literatura internacional e nacional como eixo de inovação pedagógica nas instituições educativas, capaz de contribuir para o desenvolvimento de competências necessárias a um cidadão do século XXI, que compreendem, entre outras, a capacidade de ler de forma hábil e crítica.

Como foi referido anteriormente, no nosso país, a valorização recente da biblioteca escolar surge associada ao Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, que considera esta estrutura um recurso básico do processo educativo, uma peça essencial numa estratégia de mudança a longo prazo. Este papel aparece reforçado no Manifesto da Biblioteca Escolar, preparado pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA) e aprovado pela UNESCO na sua Conferência Geral, em Novembro de 1999. No âmbito da sua missão, a biblioteca escolar "disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efetivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação". (IFLA, 2000).

De facto, falar de mudança, hoje, implica falar de um conjunto de alterações decorrentes da criação e utilização das tecnologias, assim como da necessidade de adaptar metodologias às transformações ocorridas. Uma biblioteca escolar que não se adapta e não cria mecanismos de acompanhar a forma de estar dos "nativos digitais" (Prensky, 2001) é uma estrutura pouco inovadora, incapaz de contribuir para o desenvolvimento das literacias necessárias neste contexto de desafios.

Criar e gerir estas bibliotecas, num contexto educativo nem sempre favorável à mudança, implica a implementação de um conjunto de ações consistentes que incluem a alocação de profissionais com capacidade de liderança e visão estratégica, a adoção de práticas de trabalho colaborativo, a inclusão de atividades inovadoras nos planos de ação, a definição de prioridades de acordo com as exigências da sociedade do século XXI e a implementação de práticas de autoavaliação.

Atualmente, em Portugal, com a publicação da Portaria n.º 756/2009, de 14 de julho, podemos contar com a presença de profissionais (professores bibliotecários) a quem cabe, entre outras funções, "favorecer o desenvolvimento de hábitos e competências de leitura, da literacia da informação e das competências digitais, trabalhando colaborativamente com todas as estruturas do agrupamento ou escola não agrupada" (artigo 3.º).

Se tivermos em conta que a promoção da leitura deve ser feita respeitando o contexto temporal e cultural em que é realizada, facilmente percebemos que criar e fidelizar leitores na era atual, a era digital, implica que estes profissionais saibam adaptar-se, recriar práticas, experimentar novas metodologias, definir prioridades, no fundo, transformar as bibliotecas escolares em estruturas educativas capazes de se assumirem como eixos estratégicos de inovação, atentos às mudanças que ocorrem no mundo e que influenciam os potenciais leitores.

> A promoção da leitura recreativa como domínio de intervenção da biblioteca escolar

Reading itself promotes reading.
Krashen, 2004

A promoção da leitura recreativa, ou seja, da leitura livre, realizada por prazer, assume um lugar de destaque nos planos de ação das bibliotecas escolares, através de um conjunto de iniciativas que compreendem agentes e suportes diferentes e se materializam na realização de atividades de divulgação do livro, do contacto entre o leitor e o autor, da apresentação do livro através de feiras ou da Internet, da discussão à volta da leitura e do livro, da interação com o texto ou da dinamização de clubes de leitores, entre outras.

Tal destaque deve-se à consciencialização assumida, entre vários autores e mediadores, de que a leitura pela leitura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento da literacia. Krashen (2004) e Atwell (2007), nos vários estudos levados a cabo, concluem que um leitor se faz leitor lendo, que é através do ato de ler de forma independente que uma pessoa se torna um leitor mais hábil e, quase de forma espontânea, melhora o seu desempenho a nível da expressão escrita e oral, do domínio de vocabulário e de regras gramaticais, adquirindo um conjunto de capacidades que lhe permitem dominar outras competências imprescindíveis num mundo cada vez mais global e dominado pela novidade.

Cabe aqui frisar que, quando falamos de promoção da leitura, referimo-nos a um conceito muito abrangente que ultrapassa um outro, muitas vezes a ele associado: atividades de animação da leitura. O conceito de promoção da leitura é um termo amplo, associado a políticas culturais (Cerrillo, Larrañaga & Yubero, 2002), que pode incluir estratégias e técnicas que permitem fazer leitores, a que habitualmente chamamos atividades de animação da leitura.

Se atentarmos na definição apresentada por Neves *et al.* (2008) no estudo realizado em Portugal, *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*, constatamos que, de facto, os autores incluem nas práticas de promoção da leitura a proximidade do leitor com o suporte de leitura e o envolvimento deste no próprio processo, subentendendo-se nesta definição a inclusão de práticas de animação da leitura:

> *Consideram-se ainda práticas que, de um modo continuado, pretendem aproximar os potenciais leitores dos diversos suportes de leitura, criando uma relação entre as ações a desenvolver e o público-alvo, transformando-o em sujeito ativo, numa tentativa de, assim, formar leitores e diminuir, a médio e longo prazo, os níveis de iliteracia. (idem: 10)*

No nosso ponto de vista, não podemos, porém, dissociar o conceito de práticas de promoção da leitura da leitura em si, uma atividade individual, um ato voluntário, silencioso, que exige esforço, atenção e concentração (Bastos, 1999:291). A animação da leitura, uma atividade, muitas vezes, coletiva, um ato dirigido, ruidoso, de caráter lúdico, festivo e gratuito será uma vertente da promoção da leitura, mas "que por si só não forma leitores, ou seja, não conduz necessariamente ao primeiro campo apontado [leitura] (idem).

Promover a leitura deve, portanto, incluir atividades de animação da leitura que exijam o envolvimento do leitor com o texto, atividades que deem "alma" à leitura, mas também estratégias diversas que prevejam tempo e condições ideais para que o ato voluntário de leitura possa acontecer.

Christian Poslaniec (2005), no seu livro *Incentivar o Prazer de Ler*, sugere quatro tipos de animação da leitura, que nos ajudam a balizar e a categorizar muitas atividades desenvolvidas neste âmbito, na sala de aula e/ou na biblioteca escolar. Consideramos que estas atividades podem, hoje, continuar a ser desenvolvidas de uma forma mais tradicional ou recorrendo à utilização das novas tecnologias, como analisaremos posteriormente.

Animação de informação - Consiste em apresentar, sobretudo, livros de géneros diferentes, abordando temas muito diversos, de forma variada e atrativa.

Animação lúdica - Tem como principal objetivo estabelecer o contacto aprazível com o livro e com a leitura, ocupando o jogo, nesta aproximação, um papel importante.

Animação responsabilizadora - Consiste em implicar os jovens em atividades de promoção e de divulgação junto de um público.

Animação de aprofundamento - Consiste no desenvolvimento de atividades que, partindo da leitura, se estendem para além dela, permitindo a descoberta de outros níveis de leitura e o desenvolvimento de outras formas de expressão.

A escola, como espaço de socialização, onde os jovens adquirem hábitos que os acompanham pela vida fora, é um local privilegiado para desenvolver iniciativas diversificadas que visam fazer leitores. À biblioteca escolar, gerida por profissionais com formação e perfil adequados, cabe um papel importante no trabalho a desenvolver com as restantes estruturas da escola no que diz respeito à promoção da leitura recreativa. Torna-se, no entanto, imprescindível ter uma visão estratégica do que se entende hoje por leitura e estar consciente das implicações que este conceito acarreta para o trabalho a desenvolver, como analisaremos de seguida.

> O texto e o leitor do século XXI: novas implicações pedagógicas

As crianças portuguesas têm, e gostam de ter, atividades muito diversificadas, combinando o físico e o intelectual, o real e o virtual de modo bem distribuído.
Lages et al., 2007

Como já referimos anteriormente, promover a leitura em pleno século XXI implica ter em conta as mudanças que se operaram recentemente, tanto no que diz respeito ao tipo de textos e suportes de leitura, como ao perfil do leitor que pretendemos criar e fidelizar.

Se tendencialmente, a nível nacional, nos estudos já citados (*Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*), o conceito de promoção de leitura surge muito associado ao "código escrito", ao "livro" e ao "texto escrito", também é verdade que os mesmos estudos aludem a práticas que aproximam os leitores "dos diversos suportes de leitura", como os jornais e as revistas, e a "iniciativas que visam promover a leitura na perspetiva das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC)" (Neves *et al*. 2008:10), demonstrando a equipa responsável não estar alheia às transformações recentes.

A nível internacional, de resto, vários autores que suportam a nossa reflexão em torno desta temática indicam que, atualmente, não podemos restringir o conceito de literacia e de leitura ao código escrito e ao suporte impresso. A realidade que nos circunda oferece-nos um conjunto de inovações que nos obrigam a encarar o texto não apenas como uma mensagem escrita em formato de livro, revista ou jornal, mas antes como uma unidade de comunicação que pode assumir a forma de um texto escrito, de um discurso, de uma conversação, de um programa de rádio, de um anúncio publicitário, de uma mensagem de *email*, de uma fotografia, etc. (Evans, citado por Larson, 2009).

Ansty & Bull (2006:101) apresentam-nos uma variedade de textos que fazem parte da vida moderna: os textos visuais, os textos dos media, os textos multimodais, blocos de informação não linear a que se acede através dos hipertextos, diferentes combinações de textos ou textos que se apropriam de outros, textos de grupos sociais e culturais diferentes e textos não filtrados, que podem nem ser autênticos nem credíveis. Falar de leitura e de literacia implica, portanto, falar de leitura de diferentes tipos textos e de literacias múltiplas, ou seja, do domínio de competências que permitem descodificar textos em suporte impresso, mas também em suporte eletrónico ou ao vivo, assim como de competências que permitem escolher a estratégia correta para interagir com o texto.

E qual o perfil do leitor, nas nossas escolas e bibliotecas, que pretendemos criar e fidelizar através da leitura recreativa?

O nosso potencial leitor é um nativo digital, como lhe chama Prensky (2001), um leitor que inclui nas suas estratégias de leitura ferramentas tecnológicas que não existiam anteriormente; um leitor que descodifica sistemas semióticos, visuais e multimodais, com recurso ao texto impresso, mas também ao texto no ecrã da televisão,

do computador e, cada vez mais, dos *tablets* e telemóveis, a imagens estáticas ou em movimento e ao som.

Estudos conduzidos por Asselin & Doiron (2008) e por Prensky (2004) revelam que os jovens de hoje, nascidos após a década de 80 do século anterior, são participantes ativos, habituados a interagir com os outros e a tomar decisões, utilizam a tecnologia de forma natural, recorrendo a competências que rapidamente transferem para o uso de novas tecnologias, realizam várias tarefas ao mesmo tempo e estão sempre conectados aos amigos, ligando-se através de páginas pessoais, de redes sociais, *podcasts* e outros tipos de publicações.

Também o perfil do jovem leitor português, nesta sociedade global, não se diferencia muito do perfil dos nativos digitais descritos por Prensky. Lages *et al*., no estudo *Os estudantes e a leitura*, (2007:360), afirmam que:

> *As crianças portuguesas têm, e gostam de ter, atividades muito diversificadas, combinando o físico e o intelectual, o real e o virtual de modo bem distribuído. Estamos perante pessoas mais interessadas em experimentar tudo o que têm à sua disposição do que em excluir recursos, nomeadamente quando se trata de comunicar ou de adquirir informação.*

Porém, estes jovens leitores, de acordo com o mesmo estudo (e ressalvando que os dados se reportam a 2007, um ano apenas após o lançamento do Plano Nacional de Leitura), são jovens com hábitos de leitura pouco consolidados: no 3º ciclo, 29% dos inquiridos gostavam pouco ou nada de ler, metade nunca conversava sobre livros com os amigos, 30% nunca discutia artigos de jornais ou revistas no seu grupo de amigos e apenas 8% dos alunos discutia com os professores sobre as suas leituras.

Estes dados foram alvo de reflexão e justificaram ações concertadas entre o Plano Nacional de Leitura e a Rede de Bibliotecas Escolares que têm, através de um conjunto vasto de iniciativas, tentado alterar esta situação, adequando a sua linha de ação à realidade que se vai reconfigurando. Cabe, neste momento, reforçar a ideia de que a missão de fazer leitores é uma missão ambiciosa, que depende de um conjunto de fatores e ações duradoiras e consistentes, que implicam conhecimento e pró-atividade por parte dos profissionais que trabalham diariamente com as crianças e jovens. Programas como os referidos são *inputs* muito importantes mas que devem ter continuidade no tempo, de modo a ser possível avaliar os seus efeitos. Isto é particularmente verdadeiro, se tivermos em conta o fator mudança já várias vezes aqui referido e as consequências para a promoção da leitura.

Como demonstram vários estudos, a leitura recreativa apresenta-se como uma excelente estratégia para desenvolver todo um conjunto vasto de outras literacias, na medida em que a leitura recreativa regular, feita por prazer, conduz a mais leitura e a uma melhoria significativa de saberes que permitem ao leitor fazer novas aprendizagens, desenvolver uma atitude crítica e reflexiva perante o mundo. No fundo, através da leitura recreativa acreditamos que é possível construir um perfil de "leitor cosmopolita", como advoga Dioníso (2004:71), ou seja, de um leitor que "se serve

dos textos, de todos os textos, sejam eles dos velhos livros ou dos novos eletrónicos, sejam eles do quotidiano ou artísticos, para perceber o que se passa à sua volta, num uso filtrado por um ideal de uma vida digna e de realização pessoal para todos".

Importa aqui frisar que "ler é compreender", uma competência complexa que ultrapassa a mera capacidade de descodificar os códigos, sejam ele o linguístico, o visual ou outros. O nosso leitor cosmopolita será, portanto, um leitor que compreende e interage de forma ativa com as leituras que faz, que lê textos literários em suporte impresso ou eletrónico, que conhece os clássicos e os autores contemporâneos, que lê jornais e revistas em papel e *online*, que interpreta a mensagem de um quadro e de um filme, que se diverte a ler banda desenhada, que utiliza, na interpretação que faz do que lê, as suas experiências, expetativas e conhecimentos prévios. (Solé, 1992:17)

Estas mudanças em relação ao conceito de "texto" e ao perfil do leitor têm, naturalmente, implicações pedagógicas na forma como promovemos a leitura: por um lado, no que respeita à seleção de leituras a sugerir, por outro, no que respeita às atividades de animação da leitura que habitualmente realizamos.

A este propósito, comungamos da opinião de Mata (2009:112) quando afirma que

> *Todos los professores son maestros de lectura, todos están comprometidos em su promoción. Limitar el significado de la lectura a de los textos literários y encargar su promoción a los professores de lengua y literatura es un error y una grave limitación,*

o que obriga as escolas e as bibliotecas escolares a repensar algumas opções. Do mesmo modo, torna-se imperativo que as atividades de animação da leitura que, desejavelmente, contribuem para criar leitores, sejam realizadas tendo em conta o perfil do leitor atual e o conceito abrangente de "texto", não esquecendo que colocar os alunos em contacto com o texto apenas não soluciona o problema; "también es necessário enseñar a pensar y a hablar sobre los textos", como afirma Colomer (2001:14). À figura do mediador, no âmbito deste artigo, o professor bibliotecário, é atribuído um papel central no contexto de trabalho que realiza na escola em colaboração com a direção, os outros docentes, as famílias e a comunidade.

O perfil do professor bibliotecário enquanto mediador

Leaders are passionate about their work and look for new ideas in all their experiences, both personal and professional.
American Association of School Librarians, 2009

O professor bibliotecário, figura criada, no nosso país, em 2009, tem uma função preponderante no trabalho que é realizado nas escolas, em articulação com a biblioteca escolar, a nível da promoção da leitura recreativa. No contexto de mudança, em que é imprescindível ter uma visão estratégica (Eisenberg & Miller, 2002) e definir planos de ação ajustados, o professor bibliotecário é um catalisador, um líder, um mediador entre os diferentes tipos de texto e o leitor. Para criar leitores não basta, porém, estar munido de intenções; é necessário que o mediador domine conhecimentos que lhe permitam tomar decisões de forma consciente.

Apresenta-se, de seguida, de forma resumida, e com base em leituras realizadas sobre esta temática, o perfil de um professor bibliotecário comprometido com a promoção da leitura recreativa no século XXI:

> Liderança/ visão estratégica

O professor bibliotecário é um gestor estratégico com uma visão alargada das suas funções. A promoção da leitura recreativa, enquanto competência fundamental para o desenvolvimento de literacias necessárias na Sociedade do Conhecimento, ocupa um lugar de destaque no projeto educativo da escola. Cabe-lhe a tarefa de recrutar apoiantes para criar em toda a escola um ambiente de leitura, ou seja, um ambiente onde a leitura recreativa é valorizada, promovida e encorajada. O trabalho com a direção da escola, com os outros docentes, com as famílias e a comunidade, como assegura Doiron (2005:33), terá resultados mais abrangentes: “When classroom teachers and teacher librarians work together, their efforts have greater impact and students learn that the whole school is a learning environment rich in the culture of reading”.

> Recursos

Para promover a leitura recreativa é necessário manifestar um conhecimento alargado de recursos apropriados aos interesses, género, idade e níveis de leitura dos leitores e equipar a biblioteca escolar, procurando manter a coleção sempre atualizada. Esta deve incluir recursos tão variados quanto possível e não se restringir apenas ao suporte impresso mas também ao digital. “The teacher-librarian reads book reviews, examines Web sites for appropriateness, and develops a balanced collection of resources which reflect current information, popular and award-winning authors, and a variety of formats”. (Doiron, 2005:34)

A leitura de obras de caráter literário — pela riqueza de que estão imbuídas em termos de temáticas abordadas e vocabulário que contêm, pela possibilidade de intertextualidade que proporcionam ou pelo contributo que representam para o desenvolvimento do imaginário — devem ser uma prioridade, mas torna-se necessário acautelar que a leitura de textos informativos sobre temáticas diversas pode interessar mais a alguns leitores, assim como a pintura ou o cinema pode iniciar outros na decifração do código linguístico.

Por outro lado, é importante garantir a acessibilidade a recursos de outras bibliotecas, disponibilizar hiperligações para bases de dados virtuais e fontes da *Web*, incluindo sítios com audiolivros e livros digitais, jornais e revistas em linha ou outros sítios de comprovado valor.

> Iniciativas/ estratégias

Enquanto mediador, o professor bibliotecário precisa de desenvolver iniciativas que incentivem os leitores a ler, a ouvir e a escrever por prazer (atividades associadas ao ato de ler). Para fazer leitores, não podemos ter a veleidade de pensar que basta ter uma biblioteca bem apetrechada ou uma página *Web* com hiperligações para recursos interessantes; é necessário falar com os jovens sobre o que leem, encorajá-los a expressarem-se (oralmente, por escrito, presencialmente, à distância, na aula, na biblioteca, em grupo, sozinhos), tornando-se "eles próprios agentes do projeto, assumindo-se como sujeitos ativos, motores do próprio processo e não meros espetadores, exteriores à própria ação, e nesta condição sujeitos passivos relativamente à atividade desenvolvida". (Prole, 2008)

De entre um vasto leque de atividades de animação da leitura, o professor bibliotecário, em articulação com outros agentes da escola, pode desenvolver atividades de animação de informação, lúdicas, responsabilizadoras ou de aprofundamento, seguindo a tipologia proposta por Poslaniec. Devemos ter em conta que muitas atividades propostas podem ser dinamizadas recorrendo, com frequência, às novas tecnologias. Eis alguns exemplos:

- Aproximar a biblioteca dos seus leitores, criando uma biblioteca no recreio, num outro local da escola ou disponibilizando parte do seus recursos *online*;
- Desenvolver um serviço de sugestões de leitura e de solicitação de novas aquisições (utilizando o blogue, as redes sociais, o sítio *Web* da biblioteca, o email ou o telemóvel);
- Dinamizar pequenas palestras, com escritores ou outras personalidades, à volta dos livros, da pintura, de filmes, textos informativos de jornais ou de revistas;
- Criar uma biblioteca sonora, gravando histórias (em *podcast*) ou disponibilizando hiperligações para audiolivros;
- Partilhar com os alunos, nos seus *smartphones*, *tablets* ou outros dispositivos móveis, livros digitais de acesso gratuito;

- Proporcionar momentos de aconselhamento/ partilha de leituras entre os alunos ou entre estes e os professores, oralmente ou por escrito, ou com recurso a redes sociais como a GoodReads, entre outras;

- Organizar competições/ concursos de leitura entre duas turmas ou mais, em que os alunos leem e elaboram perguntas para os adversários responderem;

- Organizar clubes de leitura ou fóruns de discussão, promovendo a discussão à volta das leituras realizadas e com possível recurso às ferramentas e serviços da *Web* 2.0;

- Preparar momentos de leitura entre pares, em que os grandes leem para os pequenos, sobretudo para crianças com dificuldades em ler;

- Produzir uma emissão de rádio sobre uma ou mais temáticas: críticas e comentários de livros, reportagem sobre a visita de um autor, entrevista a autores, a alunos e adultos leitores, publicidade para um acontecimento cultural, dramatização de uma cena de um livro;

- Publicar uma revista (em suporte impresso ou digital) com comentários críticos das leituras realizadas;

- Envolver os alunos na realização de *booktrailers* e na sua disponibilização *online*;

- Envolver os alunos na produção de livros (ou audiolivros ou livros digitais) que reflitam a evolução dos mesmos enquanto leitores;

- Adaptar um livro a uma peça de teatro, a um filme, a uma banda desenhada ou a um vídeo;

- Entrevistar uma personagem de um livro, em que um aluno desempenha o papel do entrevistador e o outro, o papel de personagem;

- Organizar sessões informativas com os pais sobre as vantagens da leitura;

- Sugerir aos órgãos de gestão pedagógica a afetação de tempos letivos para leitura recreativa silenciosa;

- Organizar pequenas visitas de estudo a locais relacionados com certos livros ou filmes.

> Conhecimento dos alunos

Conhecer os leitores e os seus interesses ajuda o professor bibliotecário a orientar as crianças e jovens nas suas escolhas, contribuindo este aconselhamento para o alargamento das opções de leitura. Colocar o recurso certo nas mãos certas pode ser o início de uma aprendizagem para toda a vida. Esta ideia é ilustrada por Doiron (2005: 38) através do seguinte exemplo:

> *Some children have keen interests in particular subject areas, such as space, friends, and animals. If a student wants books on whales and seems to look for*

the same topic every time, that student may quickly exhaust the supply of available books. It makes sense to point out magazines on whales, information books on individual whales and the family of whales, biographies of scientists who study whales, novels and stories about whales, and information books on other sea mammals. It is also worthwhile to recommend Web sites that have more information, games, or images of whales. The idea here is to take a strong interest and help the student develop a habit of balancing reading.

> Tempo dedicado à leitura

É importante que o professor bibliotecário esteja consciente e transmita aos restantes profissionais que o ato de leitura requer uma interação constante com os conhecimentos prévios e que é necessário tempo para se sistematizarem práticas e criarem hábitos de leitura. Um projeto de promoção da leitura recreativa apenas será frutífero se a imersão na leitura for uma atividade contínua e sistemática. Gallagher (2009:58) afirma que "Readers need to read a lot before they become good readers" e Krashen (2004:85) confirma que "Simply providing time to read results in more reading." Estas premissas têm implicações na gestão que a escola faz do tempo dedicado à leitura recreativa e na forma como desenvolve as atividades de promoção da leitura.

> Conhecimento/ domínio das novas tecnologias

O professor bibliotecário, empenhado em promover a leitura recreativa junto dos leitores jovens do século XXI, deve conhecer e utilizar as novas tecnologias, principalmente as ferramentas e serviços da *Web 2.0*, para comunicar com os leitores, aproximá-los de textos em diferentes formatos, para lhes fazer chegar a informação sobre os livros e outros tipos de textos e, sobretudo, para os envolver em atividades responsabilizadoras e de aprofundamento (Poslaniec, 2005), como as que foram descritas anteriormente.

> A utilização das novas tecnologias ao serviço da promoção da leitura recreativa

La Web 2.0 es joven. Muchas de suas herramientas aún no están maduras y no se han explorado por completo sus aplicaciones. Su uso en los portales depende, en gran medida, de las necesidades de las instituciones y también de la imaginación de los bibliotecários.
Iglesia &García, 2009:158

Apesar de a utilização das novas tecnologias já ser alvo de reflexão e de estudos vários em contexto educativo, a abordagem a esta temática, no âmbito da promoção da leitura recreativa, quer no que concerne ao papel da biblioteca escolar, quer a nível curricular, é ainda pouco explorada. É possível que este facto se fique a dever à celeridade com que tudo acontece e à existência de alguns mitos em relação à utilização das ferramentas e serviços da *Web* 2.0 no fomento da leitura e da escrita.

Javier Celaya, no VI Workshop CALSI 2007, que teve lugar em novembro de 2007 em Valência, subordinado ao tema "Información digital: nuevas perspectivas en la sociedad del conocimiento", esclarece que um destes mitos consiste na ideia de que a utilização destes serviços empobrece a linguagem, incentivando ao uso de frases muito curtas e de vocabulário muito simples. Porém, o autor, consciente de que os jovens escrevem imenso nos blogues, nas redes socias e em página pessoais, levanta esta questão: em vez de termos uma atitude negativa perante tudo o que é tecnologia, porque não aproveitar as competências naturais dos nossos potenciais leitores para as melhorar e as rentabilizar?

> *Aunque aún no existen suficientes estudios com evidencias cientificas que demuestren la eficacia de las nuevas tecnologias a la hora de fomentar la lectura y la escritura, sí podemos afirmar, sin embargo, que toda aquella actividad que tenga o conlleve un elemento electrónico tiene assegurado un interés inicial por parte de los jóvenes y adolescentes. En vez de pasarnos todo el dia diciendo que las nuevas tecnologias reducen el leguage y alejan los libros de los chavales, por qué no utilizarmos los medios electrónicos para atraer su curiosidad hacia el contenido de los libros y para fomentar el placer de leer? (p.3)*

Este ponto de vista tem também sido partilhado por outros especialistas nacionais e estrangeiros, que, apesar de algumas incertezas, têm apostado no uso das novas tecnologias para promover a leitura e a escrita. João Paulo Cotrim, numa entrevista ao Jornal de Letras, conduzida por Carolina Freitas (2011), a propósito do lançamento do projeto Cata Livros, afirma que "No campo da promoção da leitura infantojuvenil, as coisas mudam a uma velocidade extraordinária, e as certezas são poucas", mas tal facto não o impediu de ter investido num projeto a nível nacional que utiliza a Internet como aliada na promoção da leitura recreativa.

De resto, a nível nacional, existe um conjunto de outros projetos, alguns da responsabilidade do Plano Nacional de Leitura, para serem desenvolvidos em articulação com a biblioteca escolar, que recorrem às novas tecnologias como forma de operacionalização. São disso exemplo: a Biblioteca de livros digitais, o Clube de leituras, o Concurso Inês de Castro, a iniciativa Bibliofilmes ou o concurso Conta-nos uma história!

Muito recentemente, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), acreditando no poder das novas tecnologias, desenvolveu um projeto de promoção da leitura (*Reading in the mobile era*) em países pouco desenvolvidos, como a Nigéria, a Etiópia ou o Paquistão, recorrendo à utilização de dispositivos móveis. O projeto, resultante de uma parceria entre a UNESCO, a Worldreader (uma organização sem fins lucrativos, empenhada em erradicar a iliteracia) e a Nokia, consiste na disponibilização de milhares de livros em formato digital, através da plataforma Worldreader Mobile, aos quais se pode aceder através de telemóveis (dispositivos que um grande número de cidadãos destes países já possui). Embora tratando-se ainda de um projeto muito recente, se acreditarmos no Efeito de Mateus, não será difícil adivinhar os seus efeitos dentro de alguns anos.

Outro fenómeno interessante do uso das novas tecnologias na promoção da leitura recreativa (e da escrita) está relacionado com as comunidades de leitores *online*. Na plataforma Goodreads o leitor pode divulgar os livros que anda a ler, escrever um comentário sobre os mesmos ou atribuir uma avaliação, procurar amigos e inteirar-se do que estes leem de momento, ou aconselhar livros aos amigos. Entre os mais jovens, a plataforma Wattpad, uma criação recente de origem canadiana, está diariamente a criar adeptos. Aqui, os leitores podem escolher uma série de livros que outros leitores/escritores publicam, mas podem ler também os clássicos como Jane Austen ou Eça de Queirós, desde que as suas obras se encontrem em domínio público e digitalizadas em alguma plataforma. Os livros podem ser lidos *online* ou descarregados para dispositivos móveis, incluindo os telemóveis. Esta plataforma, que permite a qualquer leitor publicar as suas histórias e escrever comentários sobre o que lê, está também a ser muito utilizada por autores já consagrados, que aproveitam o espaço para publicar alguns capítulos de obras, criando expetativa nos leitores.

As bibliotecas escolares, empenhadas em fazer leitores na era digital, recorrendo às novas tecnologias, têm à sua disposição um leque muito alargado de outras ferramentas e serviços da *Web 2.0* (gratuitos) que permitem, de acordo com Iglesia & García (2009), criar conteúdos, partilhar recursos, recuperar e organizar informação e facilitar a interação entre os leitores. Apresentamos, de forma muito sucinta, algumas ferramentas, descrevendo a forma como podem ser (e já são muitas vezes) rentabilizadas no âmbito da promoção da leitura recreativa.

> Blogues

O blogue (combinação dos termos ingleses *web* e *log* – jornal em linha que serve para disponibilizar texto, áudio, vídeo e fotografia), no âmbito da promoção da leitura recreativa, pode ser rentabilizado

a) em clubes de leitura para transmitir informações sobre as leituras e partilhar opiniões entre os membros;

b) pelas equipas das bibliotecas para divulgar novas aquisições ou atividades relacionadas com a promoção da leitura;

c) para sugerir leituras aos utilizadores de acordo com as idades, o tipo de conteúdo ou os interesses destes;

d) para auscultar o leitor sobre novas aquisições;

e) para promover a leitura em formato digital e desenvolver competências de escrita ou, ainda,

f) como plataforma de informação sobre sítios de interesse relacionados com a leitura.

A sua rentabilização será tanto maior quanto maior for o envolvimento dos alunos na criação e desenvolvimento do próprio blogue ou das atividades com ele relacionadas. Segundo Zawilinski (2009:654), no artigo *HOT Blogging: A Framework to Promote Higher Order Thinking*, a utilização dos blogues permite o envolvimento dos alunos numa série de atividades que englobam a resposta a perguntas feitas pelo professor sobre leituras realizadas; a leitura em linha para localizar, avaliar, sintetizar e comunicar informação; a partilha de opiniões com os outros sobre diferentes aspetos do texto; a síntese sobre as leituras realizadas e os comentários dos colegas e, por fim, a argumentação sobre um determinado ponto de vista.

> *Wikis*

Uma wiki (o termo *wiki* significa rápido em havaiano) é uma página *Web* que permite a edição colaborativa, podendo esta estar limitada a um grupo concreto. Tarasiuk (2010), no artigo "Combining Traditional and Contemporary Text: Moving My English Class to the Computer Lab", afirma que os alunos, através da criação das próprias *wikis*, se empenham muito mais na elaboração das tarefas que envolvem os textos tradicionais, na medida em que a publicação do resultado final, que pode incluir sumários de obras lidas, recriação de histórias colaborativas ou construção de textos multimodais para aconselhamento de leituras aos colegas, se transforma num desafio que pode ser visualizado por toda a gente na Internet. Wikispaces e PBworks são dois exemplos de ferramentas gratuitas que podem ser utilizadas neste âmbito.

> Serviços de criação de sítios *Web*

A *Web 2.0* permite criar sítios através de ferramentas como o Google Sites, o Easy Sites, ou o Webnode, de forma gratuita e sem ser necessário ter conhecimentos de linguagens de programação HTML. Um sítio construído nestas ferramentas permite a criação de fóruns de discussão e blogues, o envio de comentários, pode agregar álbuns de fotografias ou incluir música e vídeos. O facto de poder ser construído de forma colaborativa abre muitas possibilidades de utilização no âmbito da promoção da leitura e da escrita.

> Serviços de criação e partilha de documentos

O GoogleDrive permite a criação, a partilha e a construção simultânea de documentos através da Internet, sem ser necessária qualquer aplicação adicional. A sua rentabilização, na medida em que permite que várias pessoas escrevam ao mesmo tempo, como acontece com as *wikis*, pode passar pelo uso como plataforma de escrita criativa e colaborativa por parte dos alunos. Outra funcionalidade deste serviço prende-se com a disponibilização do questionário *online* que, em termos de promoção da leitura recreativa, poderá ser rentabilizado para um conjunto de iniciativas, como a solicitação de opinião sobre novas aquisições ou discussões a abordar, ou conhecimento do perfil do utilizador. Convém referir que a aplicação trata, de forma simples, os dados dos questionários, o que representa uma vantagem em termos de economia de tempo.

> *Microblogging*

O *microblogging* é um serviço que permite aos utilizadores enviar e publicar mensagens breves, normalmente só de texto. As atualizações surgem na página inicial do utilizador e são enviadas, simultaneamente, para outros utilizadores que optaram por recebê-las (Iglesia & García, 2009). O mais conhecido é o Twitter, um serviço gratuito que permite a ligação e comunicação com milhares de pessoas, sendo normalmente utilizado para seguir eventos em direto e trocar opiniões sobre o que está a acontecer. As bibliotecas escolares podem recorrer a este serviço para divulgar novidades editoriais, construir microcontos ou manter clubes de leitura, já que esta ferramenta permite a expressão de pontos de vista e troca de opiniões sobre as leituras realizadas.

> Ferramentas para criar livros digitais

Existe atualmente uma variedade enorme de ferramentas que permitem criar livros digitais *online*, estimulando a produção da escrita e a construção do conhecimento. Muitos caracterizam-se por serem multimodais na medida em que incluem vídeo, áudio e hiperligações. As ferramentas Mixbook, Myebook ou Little Bird Tales, por exemplo, permitem a construção de um conto (redação, ilustração e inclusão de voz),

ou a elaboração de uma história coletiva por um grupo de alunos, oferecendo a possibilidade de o professor poder monitorizar o trabalho.

Larson (2009:256), já aqui citada, acredita que, apesar de estarem ainda numa fase embrionária, os livros digitais são uma excelente forma de promover a leitura, desenvolvendo várias competências, uma vez que permitem a interação com o texto, tanto física como intelectual: é possível inserir, apagar e acrescentar texto, assim como escrever comentários sobre a leitura.

Outras ferramentas permitem a criação de livros digitais em ficheiro .epub (um dos formatos padrão dos livros digitais), o que as torna mais interessantes se pensarmos na possibilidade de publicação e na facilidade de acesso através de uma grande variedade de dispositivos eletrónicos como o computador, o smartphone ou o tablet. São exemplos destas ferramentas: Sigil, Calibre, iBooks Author, ActiveTextbook, Papyrus.

> Ferramentas para construir e partilhar filmes

O Windows Movie Maker é um *software* que permite a edição de vídeos, sem grandes conhecimentos de informática. Estes podem ser realizados com câmaras de vídeo, apenas com máquinas fotográficas digitais ou através da combinação de imagens com música e efeitos de animação. Os vídeos podem ser partilhados através de plataformas, sendo a mais conhecida o YouTube, que é gratuita. O Vimeo permite publicar vídeos que podem ser descarregados e cuja qualidade de visualização, segundo Iglesia & García (2009), é muito melhor.

A realização de vídeos originais relacionados com a promoção da leitura tem sido incentivada por instituições ou programas que trabalham neste âmbito. Em Setembro de 2010, o *School Library Journal* promoveu o concurso "New Book Video Trailer Awards", convidando os participantes a realizarem trailers de livros em vídeo, com o objetivo principal de encorajar à leitura, alegando que "The primary purpose of these awards is to recognize the important role that video plays in bringing readers to books as well as the wonderful creativity of the producers." Em Portugal, a iniciativa Bibliofilmes Festival, que conta com o apoio do PNL, também tem incentivado a realização de vídeos/ filmes baseados em livros, bibliotecas, literatura ou personagens literárias, ressalvando sempre o respeito pelos direitos de autor e incentivando a criação própria. As categorias a concurso englobam, entre outras, vídeo de biblioteca pública, vídeo de biblioteca escolar, vídeo de aula/atividade escolar para promover a leitura, vídeo de uma crítica/ recomendação de um livro e melhor *trailer* de um livro.

> Ferramentas para produzir e partilhar *podcasts*

O conceito *podcast* (termo que resulta da fusão das palavras Ipod – dispositivo de reprodução de áudio/ vídeo – e *broadcast* – método de transmissão de rádio ou televisão) consiste na criação de arquivos de som e na sua distribuição na Internet, a maior parte das vezes em formato MP3. Os *podcasts* podem incluir locução, música,

vídeo e fotografia, ser criados em ferramentas da *Web* 2.0 como o PodOmatic ou através de *software* de som como o Audacity. A sua publicação na Internet pode ser feita de forma gratuita através do uso de ferramentas como o PodOmatic.

A sua utilização, no âmbito da promoção da leitura, pode incidir sobre a divulgação de fragmentos de obras que se pretendem aconselhar, de trechos de conferências sobre leitura, de leituras realizadas entre turmas ou de informação sobre escritores. Além disso, os alunos podem também ser envolvidos na elaboração dos seus *podcasts*, criando audiolivros, como acontece na iniciativa Conta-nos uma história!

As vantagens da utilização do *podcast* para desenvolver nos alunos as literacias múltiplas chegam-nos também do estrangeiro através de alguns estudos neste âmbito. Smythe e Neufeld (2010), no estudo *"Podcast Time": Negotiating Digital Literacies and Communities of Learning in a Middle Years ELL Classroom*, referem algumas vantagens da utilização de *podcasts*: estes exigem uma participação ativa que inclui momentos de leitura, de escrita, de gravação, de seleção de imagens, música e som, e, portanto, uma reflexão e avaliação constantes sobre as melhores opções, bem como momentos de trabalho colaborativo.

> Os marcadores sociais

Os marcadores sociais (*bookmarks* em inglês) são sítios que permitem organizar as páginas favoritas na *Web*, etiquetando cada uma delas, ou seja, colocando palavras-chave para as descrever. Os serviços de marcadores sociais mais utilizados são o Delicious e o Diigo, que possibilitam a pesquisa de favoritos dentro dos utilizadores do serviço e, no âmbito da promoção da leitura recreativa, a organização/ disponibilização de livros digitais, audiolivros, ligações para jornais e revistas de interesse dos alunos ou para outro tipo de textos igualmente relevantes

> As redes sociais

As redes sociais (o Facebook, o MySpace, entre outras) são sítios da *Web* que permitem às pessoas construir um perfil público dentro de uma plataforma em linha e relacionar-se com outras, normalmente, com base em interesses comuns.

Estas redes sociais, para além de permitirem a ligação via Internet entre pessoas, são serviços que têm adjacentes muitos outros, otimizando a sua utilização. Enviar mensagens, criar grupos de trabalho, colocar hiperligações para sítios, escrever notas, criar eventos, alojar e partilhar fotografias, utilizar o serviço de mensagens instantâneas, partilhar e publicar vídeos são exemplos dessas potencialidades, que podem ser rentabilizadas para promover a leitura.

> Fóruns de discussão e plataformas LMS

Os fóruns de discussão e plataformas LMS (*Learning management system*), também chamadas ambientes virtuais de aprendizagem, podem claramente fomentar a promoção da leitura, se utilizados em ambiente que favoreça o envolvimento dos alunos com o texto. No estudo *Reader response meets new literacies: empowering readers in online learning communities*, Larson (2009) descreve as vantagens de trabalhar a promoção da leitura com os alunos em ambientes digitais, frisando que esse trabalho permite uma interação constante do aluno com o texto e deste com os colegas sobre o conteúdo da leitura, principalmente quando são utilizadas plataformas de aprendizagem que permitem a comunicação síncrona. Na sua opinião, numa discussão literária tradicional o professor dirige a conversação, com participações esporádicas dos alunos; num fórum, os alunos têm uma participação mais ativa, já que são obrigados a ler as opiniões dos outros antes de emitirem as suas próprias.

Doiron (2009), o mentor do projeto internacional que visa a criação de comunidades de leitores com recurso às novas tecnologias (*WorldReaders*), está consciente de que pouco sabemos sobre o impacto que todas estas ferramentas poderão ter na criação de leitores para a vida, mas isso não o inibe de experimentar, no sentido de que apenas a experiência nos permitirá, a longo prazo, confirmar ou não a importância das nossas opções:

> *As educator, we have little or no research on effective ways to use digital tools for reading motivation, tools which we are basically unfamiliar. This project considered that the best solution for educators is to get in there and work with students in the platforms and online environments where they feel comfortable.* (Doiron, 2009: 2)

A mesma opinião emite Daniel Sampaio na crónica Ler nos dias de hoje, publicada recentemente no jornal Público. Se o paradigma mudou, na opinião do cronista, a nossa forma de fazer leitores deverá adaptar-se a esse novo paradigma, sob pena de no futuro, os jovens de hoje, adultos de amanhã, ainda lerem menos do que se lê hoje:

> *Se o paradigma mudou, a promoção da leitura, crucial para o desenvolvimento do cérebro e essencial para a qualificação dos portugueses, tem de mudar também. As edições deveriam ser mais direcionadas para a leitura digital, sobretudo para os tablets – o "suporte" do futuro – e poderiam conter entrevistas com o autor e imagens relacionadas com o texto. As ações nas escolas deveriam proporcionar leitura em computador de trechos de obras de qualidade, enquanto as redes sociais seriam utilizadas em comentários partilhados de leituras acessíveis em formato digital. As livrarias e bibliotecas precisariam de outra organização, onde não faltaria a leitura conjunta em computador e o apoio ao preço fixo do livro.*
> *A continuar sem mudar nada, os filhos de hoje, quando chegarem a adultos, ainda lerão menos do que os seus pais.* (Sampaio, 2014)

Partilhamos da opinião de ambos os autores, como se verifica pela posição que defendemos neste artigo. Mas acreditamos, também, que a biblioteca escolar, uma estrutura inovadora e catalisadora da mudança, pode, em articulação com outras estruturas, contribuir de forma eficaz para a missão difícil, mas desafiadora, de continuar a fazer leitores na era digital.

> Referências bibliográficas

American Association of School Librarians. (2009). *Empowering learners: Guidelines for school library media programs*. Chicago, Illinois.

Asselin, M. & Doiron, R. (2008). Towards a transformative pedagogy for school libraries 2.0. *School Libraries Worldwide*, 14(2). [Online]. Retirado de http://asselindoiron.pbworks.com/f/14_2asselin_doiron.pdf.

Atwell, N. (2007). *The reading zone: How to help kids become skilled, passionate, habitual, critical readers*. New York: Scholastic.

Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Bibliofilmes. (s.d.). [Online]. Retirado de http://bibliofilmes.com/

Carvalho, A. A., Aguiar, C. & Maciel, R. (2009). Taxonomia de podcasts: da criação à utilização em contexto educativo, In A. A. Carvalho (Org.). *Actas do Encontro sobre Podcasts* (pp. 96-109). Braga: Universidade do Minho. Centro de Investigação em Educação. [Online]. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/10032.

Casa da Leitura. Fundação Calouste Gulbenkian. (s.d.). *Cata livros*. [Online]. Retirado de http://www.catalivros.org/

Celaya, J. (2007). Web 2.0: Marketing o realidad? In *Actas del VI Workshop CALSI. Información digital: Nuevas perspectivas en la sociedad del conocimiento*. Valencia: CALSI.

Cerrillo, P. C., Larrañaga, E.& Yubero, S. (2002). *Libros, lectores y mediadores: La formación de los hábitos lectores como proceso de aprendizage*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.

Colomer, T. (2001). La ensenãnza de la literatura como construción del sentido. *Lectura y vida: Revista Latinoamericana de Lectura*, 22(4) , 1-19. [Online]. Retirado de http://www.oei.es/fomentolectura/ensenanza_literatura_construccion_sentido_colomer.pdf.

Cruz, S. & Carvalho, A. A. A. (2007). *Produção de vídeo com o Movie Maker: Um estudo sobre o envolvimento dos alunos do 9º ano na aprendizagem*. [Online]. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/7152.

DataAngel Policy Research Incorporated. (2009). *A dimensão económica da literacia em Portugal: uma análise*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE)

Dionísio, M. L. (2004). Literatura e escolarização. A construção do leitor cosmopolita. *Palavras*, 15 , 67-74. [Online]. Retirado de http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8586.

Doiron, R. (2005). Teacher-librarians and classroom teachers: Partners in promoting reading. In R. &. Doiron (Ed.). *Literacy, libraries and learning: using books and online resources to promote reading, writing, and research.* (pp. 33-46). Ontario, Canada: Pembroke Publishers Limited.

Doiron, R. & Asselin, M. (Eds.). (2005). *Literacy, libraries and learning: using books to promote reading, writing, and research*. Ontario, Canada: Pembroke Publishers Limited.

Doiron, R. (2009). *WorldReaders: Young readers reading the world. Teacher-librarians using social networking to promote reading interests*. Artigo apresentado na 38.ª conferência anual da IASL. School Libraries in the picture: preparing pupils and students for the future (pp. 1-14). Pádua, Itália.

Doug, J. (2000). *Disigning digital libraries. Building digital libraries for analog people: 10 commom design pitfalls and how to avoid them*. [Online]. Retirado de http://www.doug-johnson.com/dougwri/designing-digital-libraries.html.

Eisenberg, M. B & Miller, D. H. (2002). This man wants to change your job. *School Library Journal*. [Online]. Retirado de http://lj.libraryjournal.com/2002/09/ljarchives/this-man-wants-to-change-your-job/.

Portugal. Ministério da Educação e Ciência. Direção-Geral da Educação. (2011). *Conta-nos uma história: podcast na educação*. 2ª ed. [Online]. Retirado de http://erte.dge.mec.pt/index.php?section=439.

Estêvão, C. (1998). *Gestão estratégica nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Farmer, L. S. J. & Henri, J. (2008). *Information literacy assessment in K-12 settings*. Lanham, Maryland. Toronto. Plymouth, UK: The Scarecrow Press, Inc.

Freitas, C. (2011). Projeto Cata Livros: O jogo da leitura. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

Fundação Calouste Gulbenkian. (2007). *Casa da leitura*. [Online]. Retirado de http://visao.sapo.pt/o-jogo-da-leitura=f601230.

Gallagher, K. (2009). *Readicide: How schools are killing reading and what you can do about it*. Portland, Maine: Stenhouse Publishers.

Henri, J. & Asselin, M. (Eds.) (2005). Introduction and context. In J. Henri, & M. Asselin, *Leadership issues in the information literate school community* (pp. 19). Westport, Connecticut. London: Libraries Unlimited.

Iglesia, J. & García, A. (2009). Ingredientes de la web 2.0: Cómo combinar las herramientas para mejorar el menú de servicios. In *Lecturas en la rede y redes en torno a la lectura: Nuevas dinámicas y servicios de los espacios de lectura pública. 17ª Jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares.* (pp. 129-158). Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

International Federation of Library Associations and Institutions. (2000). *Manifesto da biblioteca escolar*. Lisboa: Ministério da Educação. Rede de Bibliotecas Escolares.

Krashen, S. (2004). T*he power of reading: Insights from the research.* (2ª ed.). Westport, Connecticut. London. Portsmouth, NH: Libraries Unlimited. Heinemann.

Lages, M. F., Liz, C., António, J.H.C.& Correia, T.S. (2007). *Os estudantes e a leitura*. Lisboa: Gabintete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

Larson, L. C. (2009a). E- reading and e- responding: New tools for the next generation of readers. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 53(3) , 255-258. doi:10.1598/JAAL.53.3.7.

Larson, L. C. (2009b). Reader response meets new literacies: Empowering readers in online learning communities. *The Reading Teacher*, 62(8) , 638-648. doi: 10.1598/RT.62.8.2.

Lozano, R. (2009). Yo leo, tú lees, él lee... Qué leemos?: El fomento de la lectura en la estrategia global de la biblioteca pública. In *Lecturas en la rede y redes en torno a la lectura: Nuevas dinámicas y servicios de los espacios de lectura pública. 17ª Jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares*. (pp. 81-102). Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

Mata, J. (2009). Bibliotecas, clubes, redes y otras fraternidades. In *Lecturas en la rede y redes en torno a la lectura: Nuevas dinámicas y servicios de los espacios de lectura pública. 17ª Jornadas de Bibliotecas Infantiles, Juveniles y Escolares*. (pp. 103 - 126). Salamanca: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

Ministério da Educação. Plano Nacional de Leitura. (s.d.). *Biblioteca dos livros digitais*. [Online]. Retirado de http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/bibliotecadigital/

Missão para a Sociedade da Informação. (1997). *Livro verde para a sociedade da informação em Portugal*. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia

Neves, J. S., Lima, M. J. & Borges, V. (2008). *Práticas de Promoção da Leitura nos Países da OCDE*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

Portaria n.º 756/2009, de 14 de Julho do Ministério da Educação e Ciência. Diário da República: 1.ª série, n.º 134 (2009). [Online]. Retirado de https://dre.pt/application/file/492362.

Poslaniec, C. (2005). *Incentivar o prazer de ler*. Porto: Edições Asa.

Prensky, M. (2004). T*he emerging online life of the digital native: What they do differently because of technology and how they do it.* 1-14. [Online]. Retirado de http://www.marcprensky.com/writing/Prensky-The_Emerging_Online_Life_of_the_Digital_Native-03.pdf.

Presnsky, M. (2001). *Digital natives, digital immigrants*. On the Horizon, 9(5) , 1-6. [Online]. Retirado de http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20- %20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf.

Prole, A. (2008). *Como fazer um projecto de promoção da leitura*. 1-10. [Online]. Retirado de http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/documentos/manual_instrucoes_projectos_a_C.pdf.

Sampaio, D. (2014). *Ler nos dias de hoje*. [Online]. Retirado de http://www.publico.pt/sociedade/noticia/ler-nos-dias-de-hoje-1626034

Santos, M. L. dos, Neves, J. S., Lima, M. J.& Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação (GEPE).

Santos, M. L. L. dos (coord.), Neves, J. S., Lima, M. J., Carvalho, M. (2007). *A leitura em Portugal* [Versão electrónica]. Lisboa: Ministério da Educação. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.

Smythe, S. & Neufeld, P. (2010). "Podcast time": Negotiating digital literacies and communities of learning in a middle years ELL classroom. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 53(6) , 488-496. DOI: 10.1598/JAAL.53.6.5.

Solé, I. (1992). *Estrategias de lectura*. Barcelona: ICE de la Universitat de Barcelona.

Tarasiuk, T. J. (2010). Combining traditional and contemporary texts: Moving my English class to the computer lab. *Journal of Adolescent & Adult Literacy*, 53(7) , 543-552. DOI: 10.1598/JAAAL.53.7.2.

UNESCO (2014). *Reading in the mobile era*. Paris: UNESCO. [Online]. Retirado de http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002274/227436e.pdf

Valenza, J. (30 de Agosto de 2010). New book video trailer awards! *School Libary Journal* [Online]. Retirado de http://blog.schoollibraryjournal.com/neverendingsearch/2010/08/30/new-book-video-trailer-awards/

Veiga, I., Barroso, C., Calixto, J. S., Calçada, T.& Gaspar, T. (1997). *Lançar a rede de bibliotecas escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Zawilinski, L. (2009). HOT blogging: A framework for blogging to promote higher order thinking. *The Reading Teacher*, 62(8), 650-661. DOI: 10.1598/RT.62.8.3.